

Duas sepulturas medievais de Ponte de Lima*

Francisco Sande Lemos
Henrique Barreto Nunes

1. Introdução

O Inverno de 1977/78 foi particularmente pluvioso. Talvez como consequência das chuvas abundantes, que provocaram movimentos de solos, um enorme bloco granítico rolou pela encosta de um monte da freguesia de Refoios de Lima, no dia 21 de Fevereiro de 1978.

Segundo o que se pode ler em documentos camarários, haveria a lamentar casas destruídas e mesmo perda de vidas humanas, se o penedo não se tivesse imobilizado no leito da estrada que liga Senhora dos Aflitos a Ranhadas.

Porque o monólito, com um peso estimado de 1500 toneladas, obstruía totalmente a via, impedindo o trânsito, a Câmara Municipal de Ponte de Lima decidiu proceder à sua destruição.

No entanto, tendo-se verificado que no penedo existia uma sepultura escavada na rocha, o município achou por bem consultar, previamente, a Secretaria de Estado da Cultura, a quem foi solicitado apoio.

Iniciou-se assim um longo processo, com numerosa correspondência¹, que apenas se concluiu em Janeiro do ano seguinte, com a dinamitação do bloco granítico, autorizada superiormente, de acordo com o parecer favorável da 1.ª Secção do COISPCN².

* Plantas: *Filipe Antunes* (M.R.D.D.S.)

Fotografia: *Manuel Santos* (M.R.D.D.S.)

1 Ver o processo com o título «Penedo das Verrugas», guardado no arquivo do Serviço Regional de Arqueologia da Zona Norte.

2 A 1.ª Secção do COISPCN (Comissão Organizadora do Instituto de Salvaguarda do Património Cultural e Natural), tinha na altura as atribuições da extinta 1.ª Sub-secção da 2.ª Secção da Junta Nacional de Educação.

Entretanto, a Unidade de Arqueologia da Universidade do Minho foi chamada a realizar o registo da sepultura, através de desenho e fotografia³.

Na mesma ocasião fez-se também o registo de uma outra sepultura, similar, existente no Penedo de S. Simão, igualmente localizada no aro de Refoios de Lima⁴.

São os registos então obtidos que agora se divulgam — acompanhados de uma descrição sumária e de brevíssimas considerações — como contributo, embora modesto, para um inventário das sepulturas escavadas na rocha, que se conservam no Norte de Portugal⁵.

2. O Penedo das Verrugas

O Penedo das Verrugas ou da Moura estava situado no alto da vertente sudeste do monte sobranceiro ao lugar de Casal Novo (Est. I e II).

As suas coordenadas GAUSS eram as seguintes: m = 167, 30; p = 536, 35.

As proporções e a configuração do monólito, tal como se encontrava, imobilizado na estrada, ficaram registados na planta (Est. II, 2).

Não é possível, porém, dar uma ideia da sua disposição original, porque parte da superfície sub-aérea ficou enterrada, devido ao deslocamento (Est. III).

Podemos apenas dizer que a sepultura se situava na face exposta ao ar, conforme se verificava pela intensa meteorização da superfície contígua.

Era de formato rectangular (Est. III), sem outras características particulares, com os bordos esboroados, e as seguintes dimensões:

| | |
|-----------------------|--------|
| — comprimento | 1,90 m |
| — largura, nos bordos | 0,70 m |
| — largura, no fundo | 0,60 m |
| — profundidade em A | 0,50 m |
| — profundidade em B | 0,85 m |

Como é óbvio, não é possível indicar a sua orientação, nem tão pouco distinguir a cabeceira dos pés.

O fundo era plano, embora inclinado.

3. O Penedo de S. Simão

O Penedo de S. Simão está situado no Alto do Couto, na vertente sul do Monte do Castelo, cerca de 200 metros a Norte da Estrada Nacional n.º 202, entre os kms 27 e 28 (Est. I e V, 1).

³ Por solicitação da Direcção Geral do Património Cultural. Participaram nos trabalhos de reconhecimento e levantamento, além dos autores, Jesus Pires Martinho, Eduardo Oliveira, Luís Fontes e Filipe Antunes.

⁴ Identificado a partir de dados fornecidos pela população. O trabalho foi feito pela mesma equipa.

⁵ Ambas as sepulturas foram divulgadas na Informação Arqueológica n.º I, mas sem desenhos, e de uma forma insuficiente, pelo que se justifica a publicação desta pequena nótula.

As suas coordenadas GAUSS são as seguintes: $m = 164,40$ m; $p = 536,05$ m.

É um monólito granítico que, numa paisagem arborizada, se eleva a 1,80 m do solo, tendo 4,50 m de comprimento máximo e 2,80 de largura máxima (Est. V, 2 e VI, 1). A sepultura foi rasgada na face superior do monólito, que está levemente inclinada para Sudeste. Apresenta uma forma rectangular perfeita (Est. V, 2), e tem as seguintes dimensões:

| | |
|------------------------------|--------|
| — comprimento | 1,90 m |
| — largura (média) nos bordos | 0,46 m |
| — largura no fundo | 0,48 m |
| — profundidade à cabeceira | 0,48 m |
| — profundidade aos pés | 0,50 m |

Está enquadrada por um rebordo com cerca de 8 a 9 cm de espessura, eventualmente destinado à colocação de uma tampa (Est. VI, 3).

O fundo é plano.

A sua orientação é Noroeste-Sudeste.

4. Conclusões

Grupos, mais ou menos numerosos, de sepulturas escavadas na rocha, existem um pouco por todo o Norte de Portugal.

Normalmente, surgem associadas a edifícios religiosos ainda em uso, em ruínas, ou mesmo de que apenas restam os alicerces soterrados e a memória documental. Citamos, entre muitos casos, os conjuntos assinalados em S. João de Ansiães — Carrazeda de Ansiães, na Derruída — Torre de Moncorvo (SANTOS JÚNIOR 1983), no Monte de S. Paulo — Freixo de Espada-à-Cinta (SANTOS JÚNIOR 1980), no Convento da Costa — Guimarães⁶, em Frende — Baião (ALMEIDA 1975), na Sé do Porto (CRUZ 1940).

Aparecem também relacionadas com antigos caminhos, como por exemplo a Norte da povoação de Garganta — Sabrosa, ou na Serra do Alvão (BARROCA & MORAIS 1983).

Ocorrem ainda na proximidade de antigos povoados, com cerâmica romana e medieval, como se constatou em diversos sítios do concelho de Torre de Moncorvo, no inventário que está a ser efectuado pela equipa do PARM⁷, ou em Freixiel — Vila Flor⁸.

Os dois exemplares que acabámos de descrever não têm aparentemente relação com templos, vias ou habitats. Estão manifestamente isolados, singularidade que assinalamos sem

⁶ Dados inéditos resultantes das escavações empreendidas pela Unidade de Arqueologia e pelo Dr. Manuel Real, durante as obras de restauro do edifício, nos anos de 1979 e 1980.

⁷ Dados inéditos, resultantes do trabalho de carta arqueológica que está a ser efectuado pela equipa do «Projecto Arqueológico da Região de Moncorvo», a quem agradecemos a informação.

⁸ Dados inéditos, adquiridos pelo inventário que um dos autores, Francisco Sande Lemos, está a realizar, no território da chamada Terra Quente Transmontana (Concelhos de Alfândega da Fé, Carrazeda de Ansiães, Mirandela e Vila Flor).

que nos seja possível propôr qualquer leitura.

Quanto às características das duas sepulturas em estudo, destacamos a sua analogia formal e de posicionamento. São ambas rectangulares, abertas em rochedos que se erguem, ou erguiam, acima do solo, a mais de um metro de altura. A similitude entre as duas é tão evidente, que dir-se-ia terem sido esculpidas pelo mesmo artífice.

Por todas estas razões, atribuímos-lhe uma cronologia idêntica. Hesitamos, no entanto, à minguia de outros dados, a fixar uma data.

Na sequência dos trabalhos de Alberto Castillo (1972), as sepulturas abertas na rocha têm sido atribuídas ao século IX ou X.

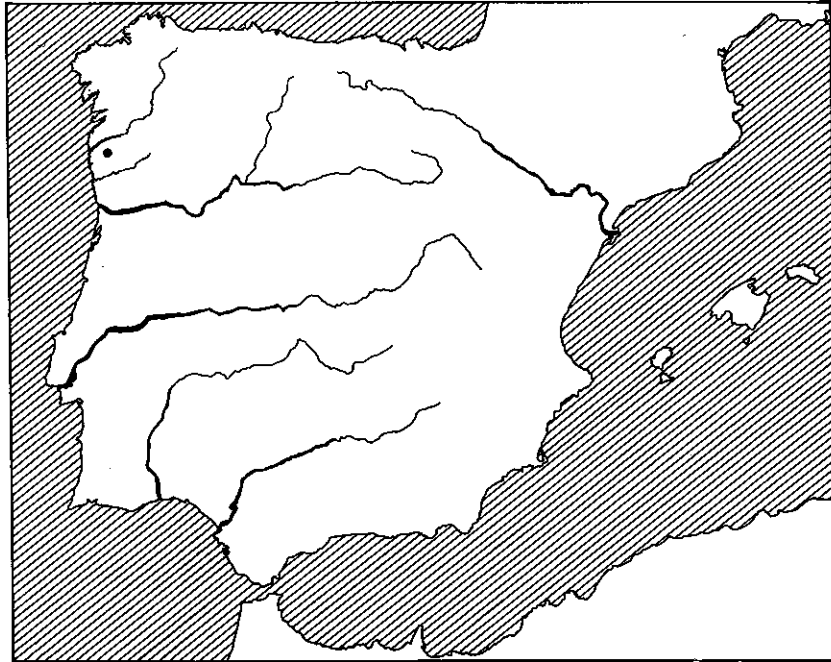
No entanto, este esquema cronológico estabelecido nas longínquas paragens de Soria, Burgos e da Catalunha, não pode ser transferido para o Noroeste, sem estudo prévio do conjunto das sepulturas do género conservadas no Norte de Portugal, o que passa por um inventário completo das mesmas e dos seus contextos.

De qualquer modo, concordamos com Mário Barroca e António Morais (1983), quando estes admitem que os túmulos do género possam ter conhecido uma longa pervivência no Norte do nosso país.

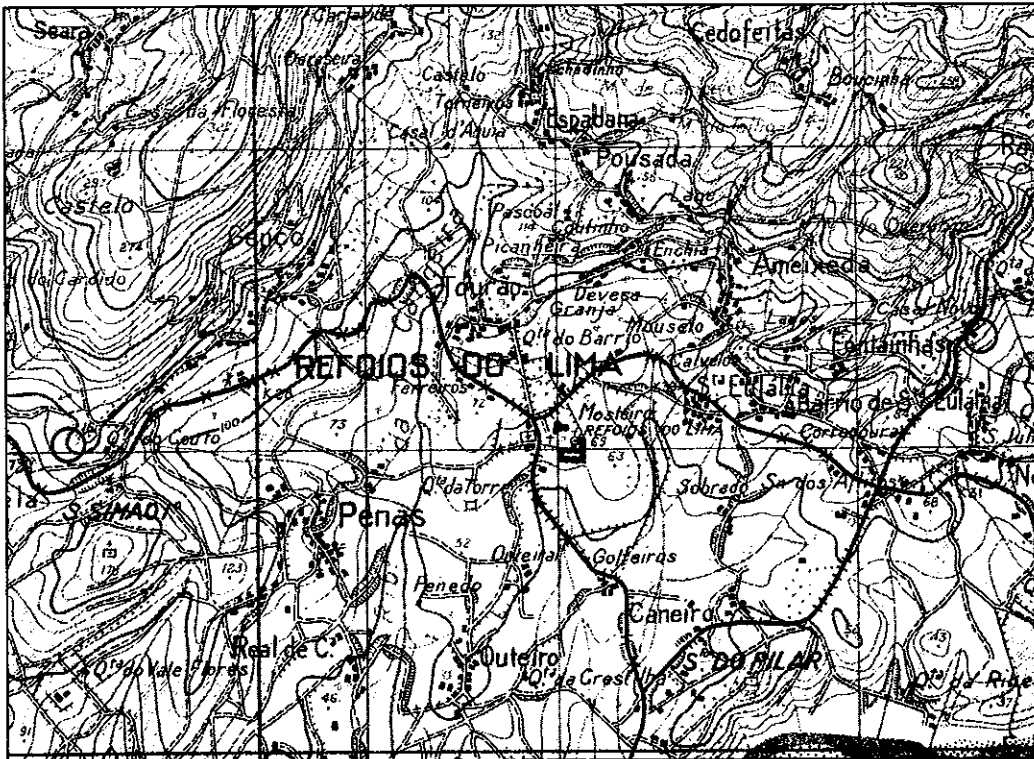
Assim, com muitas reservas, situamos as sepulturas dos penedos das Verrugas e de S. Simão entre os séculos X e XII.

BIBLIOGRAFIA

- ALMEIDA, Carlos Alberto Ferreira de (1975) — Sondagens Arqueológicas em Frende (Baião), *Archaeologica Opuscula*, 1, Porto, pp. 29-39.
- BARROCA, Mário & MORAIS, António Joaquim Cardoso (1983) — Sepulturas medievais na Terra de Aguiar de Pena (Vila Pouca de Aguiar), *Arqueologia*, 8, Porto, pp. 99-102.
- BARROCA, Mário (1984) — Notas sobre a ocupação medieval em Baião, *Arqueologia*, 10, Porto, pp. 116-136.
- CASTILLO, Alberto del (1972) — *Excavaciones alto-medievales en las provincias de Soria, Logrono y Burgos*, Madrid, Comissaria General de Escavaciones Arqueologicas.
- CRUZ, A. (1940) — A cronologia das sepulturas cavadas em rocha, *Congresso do Mundo Português*, 1, Lisboa, pp. 589-592.
- NUNES, Henrique Barreto (1979 a) — Penedo de S. Simão, *Informação Arqueológica*, 1, Braga, p. 24.
- , (1979 b) — Penedo da Verruga, *Informação Arqueológica*, 1, Braga, pp. 24-25.
- SANTOS JÚNIOR, Joaquim Rodrigues (1980) — O Castelo dos Mouros, Castro do Monte de S. Paulo e a sua calçada de Aljares (Freixo de Espada-à-Cinta), *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*, 23 (4), Porto, pp. 373-391.
- , (1983) — A Derruída ou Vila Velha de Santa Cruz da Vilariça, *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*, 24 (3), Porto, pp. 538-548.

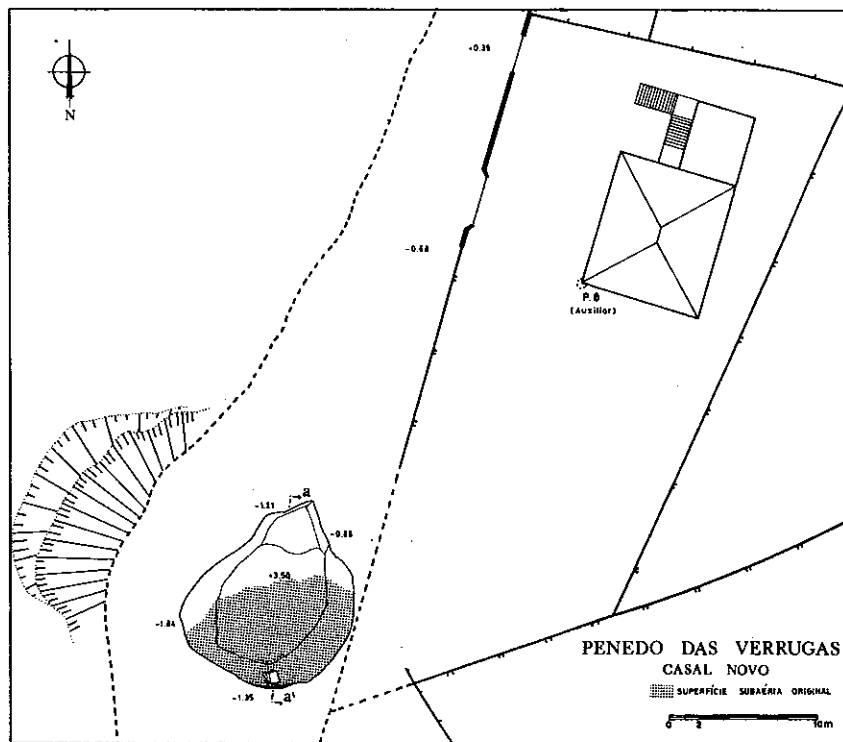


1 Localização das sepulturas na Península Ibérica.

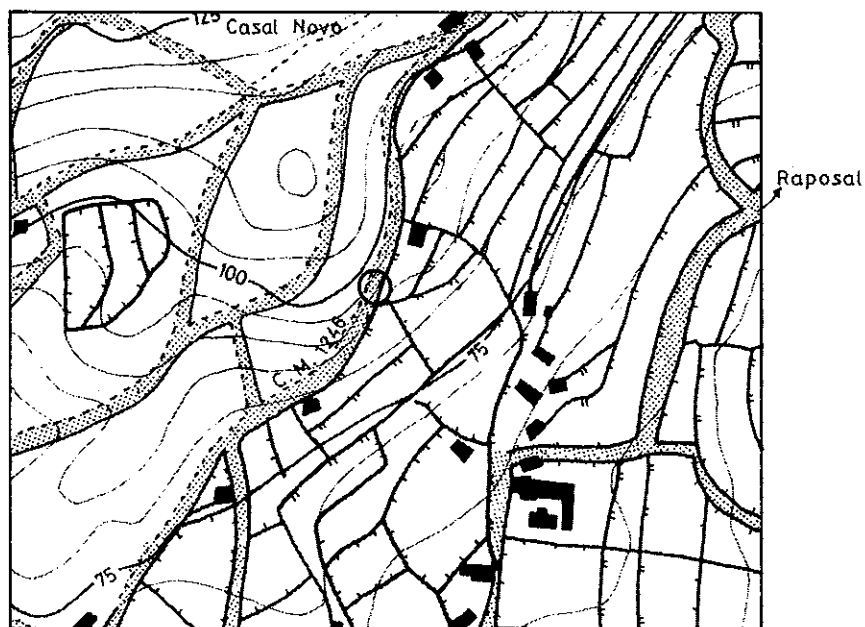


2 Localização das sepulturas (Carta militar n.º 28. Esc. 1:25 000).

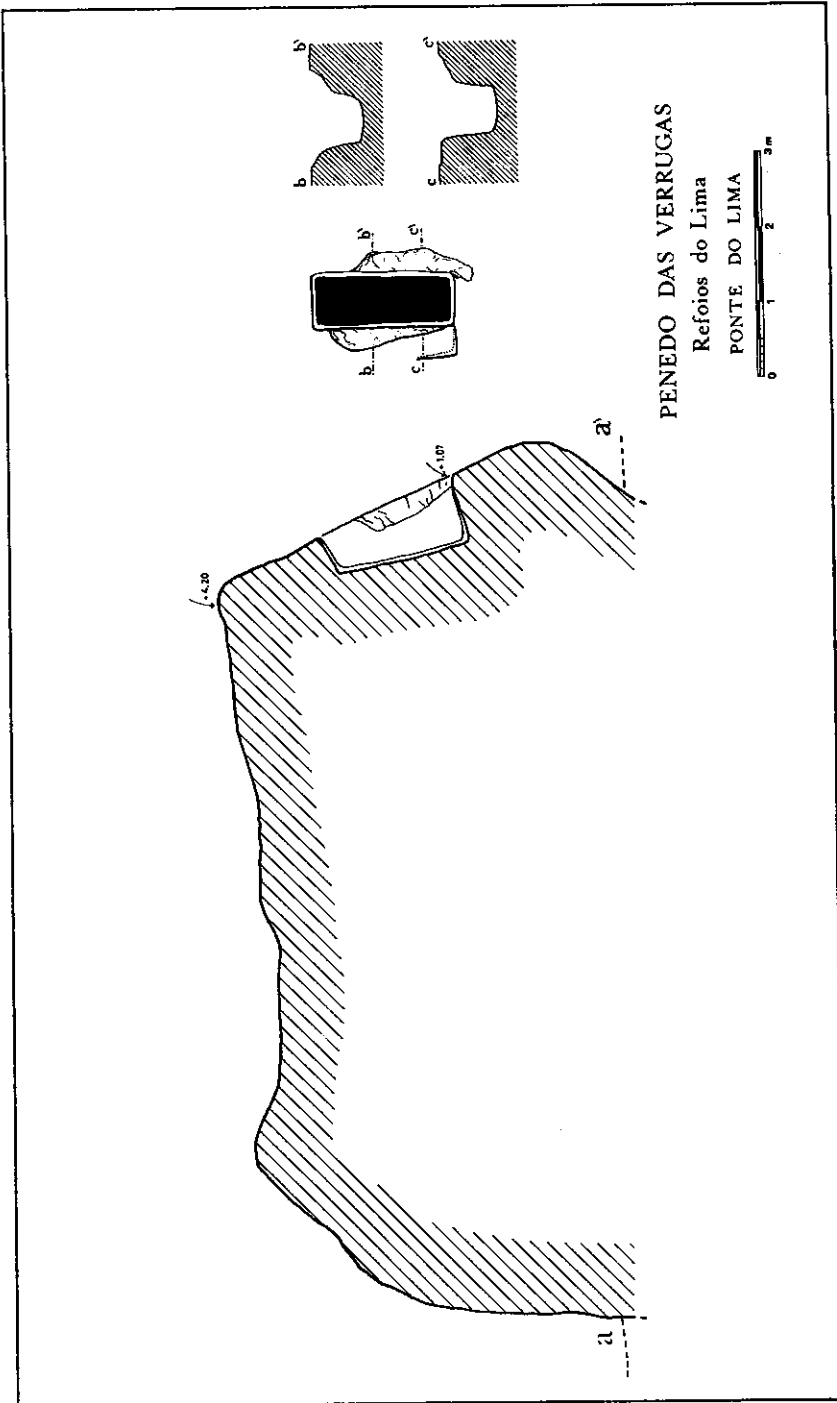
ESTAMPA II



1 Localização do Penedo das Verrugas (Esc. 1:5 000).



2 Planta topográfica do Penedo das Verrugas (Esc. 1:500).



1 Secção do Penedo das Verrugas. Planta da sepultura e respectiva secções.

RESUMO

A autora apresenta o estado actual da sua investigação relativa ao estudo da tecnologia de fabrico da cerâmica da Idade do Ferro do Noroeste português, incluindo a metodologia e os primeiros resultados.

Os dados recolhidos até hoje sugerem que, embora as matérias-primas encontradas nos sítios, ou perto deles, possam ter sido usadas no fabrico de alguns recipientes, a cerâmica micácea deve ter sido fabricada com argilas exploradas nos vales. A autora faz também uma curta exposição do trabalho que será desenvolvido proximamente.